
O uso da IA na graduação da Comunicação: esboços de um letramento em Inteligência Artificial¹

Cláudio Magalhães²

Diego de Deus³

Instituto Dânia de Paula – IDP

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

O artigo analisa o uso da Inteligência Artificial (IA) na graduação em Comunicação, destacando a necessidade do letramento em IA para compreender e criticar essa nova tecnologia. O problema investigado é como estudantes de Comunicação utilizam a IA e qual o impacto na criatividade e autoria. A metodologia envolveu uma atividade com cerca de 50 alunos, que usaram IA para produzir seminários, após aulas sobre seus conceitos, ética, limitações e impactos sociais. Os resultados indicam que os estudantes usaram a IA de forma equilibrada, delegando tarefas à ferramenta, mas preservando a autoria e o toque pessoal na produção final, além de demonstrarem abertura crítica à tecnologia. A pesquisa contribui para a discussão sobre o papel do letramento em IA ressaltando a importância de preparar comunicadores para seu uso consciente e ético.

Palavras-chave

Inteligência artificial; letramento em IA; educação superior; comunicação; ética digital.

Introdução

A Inteligência Artificial (IA) já não é novidade nas escolas. Se o sistema de educação formal ainda não encontrou maneiras de incorporá-la para os alunos e uma parte significativa dos professores, a IA já faz parte do cotidiano. Caminha a passos largos para onde já lá estão a Internet, os smartphones, entre outros aparatos tecnológicos, na chamada Tecnologia Calma, conceito elaborado por Mark Weiser e John Seely Brown (1996) no já também longínquo Séc. XX. Uma tecnologia que se destaca inicialmente na periferia de nossa atenção sensorial – em que estamos sintonizados, mas ainda sem entender explicitamente –, mas que caminha para o centro de nossa atenção e, por fim, vai estar de tal maneira incorporada em nossa vida que não nos causa mais qualquer desconforto. Um dia, a energia elétrica nos causava espanto e admiração, mas ao ligarmos o interruptor de casa, sequer nos lembramos mais de sua complexidade. Mas se a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação e Mestre em Comunicação. E-mail: claudiomagalhaes@uol.com.br.

³ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. diegodeus.bot@gmail.com.

descoberta de Tesla e Emerson levou décadas para atingir esse nível, a IA não levará nem mesmo uma geração.

E como a Comunicação, enquanto campo de estudo (França; Santana; Simões; Oliveira; Lopes; Barroso; Sepulveda Alves; Afonso. Chagas; Lima, 2020), tem pensado em se colocar nessa suposta revolução tecnológica? Mesmo porque para a própria turma dos tecnólogos em IA, a comunicação – em especial a linguagem – se tornou o divisor de águas com as antigas ferramentas. A PNL (Processo de Linguagem Natural) foi fundamental para a popularização das IAs (Taulli, 2020). Ou seja, apenas quando o programador entendeu que uma ‘conversa’ entre as pessoas e os computadores e suas redes só ocorreria de forma mais eficiente se pelos termos que os humanos desenvolvem há milênios, foi quando houve o salto de interação. Será que, então, letramos os computadores? Exploreemos mais adiante.

Ora, a Comunicação invadiu um território um tanto árido: o da programação. Mas poderia trazer outras dimensões? Se há uma busca de uma linguagem de IA, se ela notoriamente está na vida das pessoas e nas salas de aula a ponto de os movimentos de sua regulação ser uma pauta cada vez mais prioritária – incluindo que já presente em diversos países há alguns anos – caberia, então, fazermos também da nossa parte um letramento em IAs? Mesmo porque, ao que parece, já fizemos na direção contrária, mesmo que involuntariamente, haja vista que a PNL foi abastecida pela linguagem humana espalhada pela Internet. Melhor, seria o momento de pensarmos em letramento algoritmo já que as escolhas das entidades tecnológicas nas quais estamos emersos e interagindo também nos pautam no que assistir, ouvir, prestar atenção, conversar com nossos pares, se manifestar enquanto sujeito? Nos parece um combo potente: estamos ensinando as máquinas a se comunicarem com a gente – o que fazem se forma matemática que calcula os padrões de nossas sinapses; mas também temos que nos desafiar a entender os seus próprios padrões “cerebrais”, como funcionam seus “neurônios”, ou seja, seus algoritmos. E, espera-se, em benefício do desenvolvimento intelectual, operativo e social de ambos.

Este trabalho não pretende responder a todas essas questões, mas foi movido por elas. A prática pedagógica e didática que será descrita se tornou um espaço para pensar a Comunicação e a Educação e possíveis experimentos com uso de IA e o seu letramento, não só do seu uso, mas também do seu entendimento e olhar crítico de sua presença em nossas vidas.

Metodologia

A atividade foi desenvolvida dentro da disciplina Comunicação e Conjuntura Internacional em uma universidade privada, em duas turmas envolvendo cerca de 50 estudantes: uma de Publicidade e Propaganda e outra de Jornalismo, ambas em períodos finais dos cursos; portanto, jovens adultos já com um conhecimento de quase graduados. A atividade consistia em uma revisão de meio de semestre sobre as temáticas até então abordadas em que cada grupo deveria escolher um pequeno país (até 500 mil km² e U\$ 6.000 per capita anual), buscando fugir dos países mais conhecidos e apresentando diferentes nações aos estudantes. O resultado desse levantamento aqui não importa, mas sim a introdução da IA como instrumento de produção do trabalho, em todos os seus aspectos.

Sabe-se que a escola ainda tem receios justificáveis do uso de IA, mas também de sua inevitabilidade, assim como tentativas de restrição do seu uso, tanto com solicitação do seu não uso como ameaças de desqualificação, ainda alertando – quando não ameaçando – para o uso discente de mecanismos de detecção de textos produzidos por IA (Moraes, 2024; Candido, Barbosa, Costa, 2024). Assim, a novidade foi a autorização irrestrita, incluindo o incentivo, da ferramenta para atividade, deixando bem claro que o seu uso – mesmo que intensivo – em nada iria afetar a nota. A única solicitação foi que, ao final das apresentações em seminários na sala de aula, o grupo preenchesse o quadro da Imagem 1, para que o professor e os colegas pudessem ter uma noção do uso da IA, e pequenos depoimentos de como utilizaram e como se sentiram ao fazê-lo.

Imagem 1: Tabela do Uso de IA no Trabalho Comunicação e Conjuntura Internacional

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa					
Produção do Texto					
Produção das Peças					
Produção Final					

Fonte: os autores (2025).

A atividade, no entanto, não foi feita sem uma fase preparatória – o que é fundamental se quisermos introduzir o letramento nesta conversa. Compreendemos letramento a partir de Soares (2006), que se refere a ele como a capacidade do uso social de conhecimentos adquiridos. Assim, a temática da disciplina “A Inteligência Artificial e o Poder das *Big Techs*”, um fenômeno mundial e, portanto, pertinente à disciplina, serviu como uma ação experimental de letramento. Foram realizadas aulas expositivas sobre conceitos e noções teóricas e empíricas contemporâneas da IA com participação espontânea ativa dos alunos, que contribuíram com exemplos de seus próprios usos, que resultou em diálogo e debate.

Imagem 2: Slide de aula sobre Letramento em IA



O perigo real não é que a IA seja mais inteligente que os humanos, mas supor que ela seja e confiar mais nela para tomada de decisões

As técnicas atuais de IA:

- Percepção
- Análise de texto
- PNL (processamento de linguagem natural)
- Raciocínio lógico
- Sistemas de apoio à decisão
- Análise de dados
- Análise preditiva
- Geram seu conhecimento a partir de extração de padrões de dados (*machine learning* e etc...)
- Detecção de padrões “invisíveis” na *big data*



Limitações atuais:

- Requer grandes quantidades de dados de qualidade
- *Hardware* com grande capacidade de processamento
- Energia, água e CO2
- Resultados discriminatórios



Fonte: Dora Kaufman – Desmistificando a Inteligência Artificial – Ed. Autêntica

Fonte: autores (2025) a partir de Kaufman (2022).

Nessas aulas foram inclusas questões pertinentes como a própria PNL, mas também:

- conceitos de IA, como preditiva e generativa;
- questões éticas como direitos autorais no abastecimento dessas ferramentas;
- amplas limitações do seu uso técnico por conta de fenômenos discriminatórios de raça, gênero, culturas, partes da história humana, prejuízos para direitos humanos.

Sobre o último item, há inúmeros estudos nesse sentido, e Dora Kaufman (2022) traz um apanhado em suas obras, alertando, inclusive, para um estudo da Unesco em parceria com o governo da Alemanha e a *EQUALS Skills Coalition* (parte da *EQUALS Global Partnership* que visa a capacitação de meninas e mulheres para a tecnologia). Por exemplo, algo inusitado e que, raramente é levado em conta, é a não coincidência de que todas as vozes, assim como nomes, das assistentes virtuais serem femininas. E que tal

opção, aparentemente simples e que teria como objetivo apenas a agradabilidade de quem ouve, tem um aspecto altamente temerário, e é capaz de “influenciar a interações com mulheres reais” (Kaufman, p.116-117).

Como a fala da maioria das assistentes de voz é feminina, isso envia um sinal de que as mulheres são ajudantes prestativas, dóceis e ansiosas por agradar, disponíveis ao toque de um botão ou a um comando de voz direto como ‘Hey’ ou ‘OK’. (...) Quanto mais essa cultura ensinar as pessoas a igualarem as mulheres às assistentes, mais mulheres reais serão vistas como assistentes – e penalizadas por não serem como as assistentes (UNESCO, 2019, *apud* KAUFMAN, 2022, grifo da autora).

Outras temáticas também foram tratadas nessa aula:

- a sua transformação em tecnologia calma;
- uso de energia 10 vezes maior de um mecanismo de busca tradicional;
- seu papel na polarização mundial e no estabelecimento de novas áreas e países de influência tecnológica;
- o impacto da empregabilidade;
- as limitações do entendimento dos próprios programadores de como as IAs têm funcionado;
- seu uso como ferramenta para crimes cibernéticos como manipulação de eleições, fraudes e desinformação;
- a base da legislação europeia, que tem servido de minuta para outros países, incluindo o Brasil;
- o capitalismo de vigilância (Zuboff, 2020)
- o interesse pelo uso pelas grandes empresas de algoritmos de IA treinados e aperfeiçoados pela interação dos usuários, em uma dinâmica que cria poderosas barreiras para novos concorrentes e uma “bolha” de assuntos e visões limitadas por elas;
- O uso na militância política em favor de grupos minoritários ou socialmente excluídos.

e, por fim:

- a ênfase em educação midiática como parte fundamental do letramento e a educação como um todo.

Imagem 3: Slide de aula sobre Letramento em IA



Fonte: os autores e Poder 360 (2025).

Ressalta-se que tal preocupação em entendermos a IA, além dos seus aspectos operacionais, já pontua debates bem desenvolvidos, em especial em blocos de países que veem a tecnologia como oportunidades e ameaças ao bem-estar da população. A Unesco, desde 2021 publicou recomendações sobre a ética da IA, sendo a tentativa de um primeiro padrão global aplicável aos 194 Estados-Membros do órgão (Unesco, 2021). Da mesma maneira, o Pacto Digital Global (ONU, 2024), organizado e assinado pelos 193 países da Organização das Nações Unidas. O documento propõe uma estrutura global de cooperação digital que tem como prioridade a governança da inteligência artificial, tanto no uso internacional de dados como seu uso para a humanidade, clamando a ciência para abastecer um diálogo sobre políticas de Inteligência Artificial. Tais referências também fizeram parte das aulas citadas.

Assim, o conjunto da experimentação foram as: a) aulas sobre IA como ação de letramento e b) a produção dos seminários pelos estudantes, sendo que os de publicidade e propaganda apresentaram uma campanha de esclarecimento sobre as temáticas da disciplina para e sobre os países escolhidos e, os jornalistas, uma reportagem ilustrada, em referência ao nosso objeto de estudo, sendo 10 grupos do curso Jornalismo e 10 grupos de Publicidade e Propaganda.

Resultados

Os quadros 1 e 2 mostram a sistematização dos resultados, do quais se intui as impressões dos pesquisadores a seguir.

Quadro 1: Tabela de uso dos grupos de Publicidade e Propaganda

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa	1	1	3	2	2
Produção do Texto		2	1	3	3
Produção das Peças	1	3	3	1	1
Produção Final	3		4	2	

Fonte: os autores (2025).

Quadro 2: Tabela de uso dos grupos de Jornalismo

Uso de IA	Não usamos	É menos de 50%	Uma média de 50%	Está acima de 50%	Usamos muito
Pesquisa	1	1	3	3	
Produção do Texto		1	4	3	1
Produção Final	4	1	1	1	2

Fonte: os autores

Intuiu-se a partir dos dados – intuindo, dado que não há muita profundidade sobre aspectos mais elaborados das manifestações dos estudantes, pois não houve uma pesquisa qualitativa neste sentido – sistematizados a partir da melhor visibilidade que os quadros proporcionam para as conclusões, em conjunto com os pequenos testemunhais após as apresentações:

1. Quando incentivados, os estudantes não têm receio de afirmar seu uso de Inteligência Artificial. Também não se envergonham de dividir autoria, o que é uma quebra de paradigma com gerações anteriores. Claro, estamos falando de obras impessoais, de grupo, com fins acadêmicos e de trabalho. Mas, levando-se em conta que boa parte de sua produção profissional será nesses termos, o compartilhamento de autoria produtiva pode ser um grande facilitador, embora também possa ser um desincentivo à criatividade. O que,

por sinal, não seria diferente dos atuais ambientes laborais, mesmo sem IA. Portanto, é uma oportunidade de aproximação entre docentes e discentes para atividades colaborativas e debates sobre seu uso;

2. Não há um uso massivo da IA, mas um uso algo equilibrado entre os jovens. Aqueles que usam muito, não o fazem em excesso, e há uma dispersão de sua utilização nas etapas de elaboração de projetos. Algo como “eu uso uma mais em uma parte, mas em outra eu prefiro a mim mesmo”.
3. A parte final da produção, tanto no caso dos estudantes de Jornalismo (reportagem) como nos de Publicidade (peças promocionais), deu a eles o desejo de terem uma “assinatura”, que seja algo deles, ou pelo menos, em grande parte. A média de 50% de uso de IA, no caso da produção de texto, assim como na produção final dos publicitários não se trata de uma terceirização da criatividade, mas ao contrário, delega à ferramenta o trabalho mais braçal (ortografia, organização de texto, escolhas de imagens e diagramação) e deixa para eles a escolha, a apuração e o esmerilhamento das peças, impressão corroborada com o relato dos próprios estudantes. É importante lembrar que tais atividades mais laborais terceirizadas já era realizada antes mesmo da popularização das IA, com o uso dos sites de buscas e, olhando para trás, em toda tecnologia que diminui o esforço braçal humano para abrir espaço para o uso do intelecto.

Quando perguntados informalmente como eles se sentiram usando a Inteligência Artificial, o testemunho da maioria pôde ser resumido como: “nós usamos para resolver um problema que o grupo encontrava (pesquisa difícil, informações de países desconhecidos; produção de peças que não tinham domínio operacional; produção do texto rapidamente uma vez que o prazo dado foi propositalmente curto), mas a gente queria fazer as coisas do nosso jeito nessa parte específica”.

Conclusão

Certamente é um trabalho muito limitado. Refere-se a duas turmas apenas, e muitas específicas. Além disso, seria preciso conversar mais com os estudantes, entender melhor cada umas das etapas acima citadas e o que efetivamente aconteceu ao longo da produção dos projetos com uso de IA. E o quanto as aulas introdutórias ajudaram realmente na produção tanto dos trabalhos, como no registro das atividades. Havendo

mais tempo – e não fosse outro o escopo da disciplina onde foi realizado o experimento – estaria um campo ideal para um grupo focal. Ajudaria, inclusive, compreender a percepção deles acerca da IA ser, de fato, uma ferramenta de apoio e não uma finalizadora ou mesmo elaboradora de suas atividades e pensamentos.

Há também dados preocupantes, pois o peso na pesquisa do uso de IA se mostrou grande nos dois grupos, embora os pesquisadores esperassem ainda mais, dado o curto espaço de tempo para a atividade – e já a prática recorrente em sites de busca sem Inteligência Artificial. Essa deve ser uma prioridade no letramento algoritmo: a de mostrar que a pesquisa pela IA é diferente das tradicionais nos sites de busca, que oferecem páginas e opções de investigação – mesmo que saibamos serem enviesadas por interesses comerciais das próprias plataformas. As IAs oferecem respostas prontas, o que dá a impressão de uma única resposta. É preciso saber de onde elas vêm, como se deu sua sintetização, e oferecer opções sobre seu próprio questionamento enquanto resposta definitiva – e só discretos cliques com referências não ajudam muito.

Mas essa pequena investigação também comprovou que os jovens estão abertos a questionar, suspeitar das IAs, mesmo que não abrindo mão de usá-las. Neste sentido, ainda é atual, e funciona até como profético, o que Weiser e Brown (1996), no século passado, quando a internet comercial engatinhava e engatilhava, previa (atente aos grifos e sua contemporaneidade):

Parece contraditório dizer, diante de **queixas frequentes sobre sobrecarga de informações**, que mais informações poderiam nos acalmar. Parece quase absurdo dizer que a maneira de se tornar sintonizado com mais informações é ficarmos menos atentos a ela. São essas características aparentemente bizarras que podem explicar por que tão poucos projetos levam em conta o centro e a periferia [da atenção] para alcançar uma maior sensação de localização. Mas tais projetos são cruciais à medida que avançamos para a era da **computação ubíqua**. Ao aprendermos a projetar tecnologia calma, enriqueceremos não apenas nosso espaço de artefatos, mas também nossas oportunidades para estar com outras pessoas. **Quando nosso mundo estiver cheio de computadores interconectados e embutidos**, a tecnologia calma desempenhará um papel central em um século XXI mais humanamente capacitado. (Weiser, Brown, 1996, s. p., grifos e tradução dos autores, 2025).

Os adultos podem estar torcendo narizes, mas os jovens já transformam a IA em uma tecnologia calma. Cabe a nós, portanto, ajudá-los a torná-la tão socialmente relevante e útil em suas vidas como os antepassados fizeram com a gente com a energia elétrica,

sem se chocarem com isso. O desenvolvimento de habilidades críticas voltadas ao uso da IA pode oferecer contributos relevantes para esta finalidade.

Esta possibilidade pode ocorrer a partir da implementação de tais preocupações no campo de estudos que se debruçam ao letramento midiático. Ou, então, a criação de um novo campo, a partir dos preceitos teóricos-metodológicos de estudos sobre letramento midiático, voltado especificamente ao uso da IA.

Referências

CANDIDO, Lucas S.; BARBOSA, Christian A. de Melo; COSTA, Esdras J. H. Análise de ferramentas para detecção de textos científicos gerados por Inteligência Artificial (ChatGPT). In: Workshop sobre as implicações da computação na sociedade (WICS), 5., 2024, Brasília/DF. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2024. p. 145-152.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; SANTANA, Paulo Henrique Basílio; SIMÕES, Paula Guimarães; OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho; LOPES, Suzana Cunha; BARROSO, Lívia; SEPULVEDA ALVES, Lucas Afonso; AFONSO, Maria Lúcia; CHAGAS MOURA CAMPOS, Maíra Lobato Bicalho; LIMA, Laura Antônio. Comunicação e sociabilidade: perspectivas no campo da comunicação. **Galáxia**, São Paulo, v. 44, mai.–ago.

KAUFMAN, Dora. **Desmitificando a inteligência artificial**. Autêntica, 2022.

MORAES, Felipe Soares de. Detecção de textos gerados pelo ChatGPT: capacidades, limitações e aplicações práticas. **Revista de Ciências do Estado**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1–21, 2024.

ONU. **Pacto Digital Global**: compromisso internacional para um futuro digital aberto, livre e seguro. Adotado na Cúpula do Futuro, Nova Iorque, 22 set. 2024.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros** / Magda Soares. 2. Ed., 11. Reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TAULLI, Tom. **Introdução à Inteligência Artificial**: uma abordagem não técnica. Novatec Editora, 2020.

UNESCO. **Recomendação sobre a Ética da Inteligência Artificial**. UNESCO, 2022. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000381137_por

WEISER, Mark; BROWN, John Seely Brown. *The Coming Age of Calm Technology*. Xerox PARC, October 5, 1996. Disponível em: <https://calmtech.com/papers/coming-age-calm-technology>

ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância**. Intrínseca, 2020.